

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O VOCABULÁRIO LITÚRGICO
NA “PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA”
(ITINERÁRIO DE EGÉRIA)**

Maria Cristina Martins (UFRGS)
cristina.martins@ufrgs.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar algumas particularidades de emprego do vocabulário litúrgico da obra “Peregrinação de Etéria”, também conhecida como “Itinerário de Egéria”. Notadamente, procuramos mostrar em que contexto eram empregadas certas palavras que designavam o povo cristão e as pessoas que exerciam as funções da Igreja, bem como a etimologia relacionada a esses vocábulos.

Palavras-chave: Peregrinação de Etéria. Vocabulário Litúrgico. Língua Latina.

1. Introdução

O presente artigo faz parte do trabalho de tradução que culminará na primeira edição crítica brasileira⁵ – latim-português – da obra “Peregrinação de Etéria”, também conhecida como “Itinerário” (ou “Peregrinação”) de Egéria”, uma das mais antigas narrativas de viagem aos Lugares Santos da Palestina. Embora o texto tenha chegado até nós incompleto, pois faltam-lhe o começo, o fim e duas folhas internas, podemos datá-lo com precisão. Segundo Pierre Maraval (2002, p. 28), a partir das pesquisas de Paul Devos, a peregrina chegou a Jerusalém para as festas de Páscoa de 381 e partiu no dia seguinte à Páscoa de 384, mais precisamente, no dia 25 de março. O elemento decisivo que permite essa datação é dado pelo encontro de Egéria com três bispos “confessores” (caps. 19, 1-5; 20, 2). Esse título é dado desde o final do século IV àqueles que sofreram por sua fé e é aplicado na *Peregrinatio* a três bispos conhecidos, perseguidos pelo imperador Valente por sua fidelidade ao Concílio de Niceia: Eulógio de Edessa, Abraão de Batanis e Protógenes de Charra. Um certo número de outros dados do texto confirmam essas datas e permitem precisá-las. Portanto, o texto que possuímos, endereçado de Constantinopla às suas correspondentes ocidentais (cf. 19,19; 20,13; 23,10 e

⁵ Agradeço à Capes pela bolsa de pós-doutoramento concedida (nº 1250-10-8) para a realização de uma parte desta edição crítica, na Universidade de Paris IV (2010-2011). Este artigo é uma versão ampliada de uma palestra proferida na VII Semana de Filologia na USP, em 2012.

24,1), data da segunda metade de 384. O texto de Egéria além de incompleto, como se disse, chegou até nós num único manuscrito, datado do séc. XI, preservado em Arezzo, mas originário de Monte Cassino. Na primeira parte, temos a narrativa do último ano da viagem, da visita ao Sinai, em dezembro de 383, à volta a Constantinopla, em junho de 384. Na segunda parte da obra, temos a descrição da liturgia de Jerusalém.

O texto não apresenta, igualmente, o nome da autora. Conhecemos o seu nome graças a uma carta do monge Valério, que viveu nas montanhas de Bierzo, na Galícia, no séc. VII. Esse monge, que possuía um exemplar mais completo do que o nosso, comentou a viagem realizada por certa dama no séc. IV através de uma carta, escrita provavelmente em 680, para os seus confrades de Bierzo. Os manuscritos da carta de Valério, em número de seis, apresentam as seguintes formas para o nome da autora: *Egeria*, *Eiheria*, *Heieria*, *Echeria*, *Aetheria*. Por muito tempo, foi aceito o nome *Aetheria* (Etéria) como sendo o da autora da obra, através da tradição do manuscrito de Carracedo. Depois surgiram peças de evidências independentes que reforçaram os argumentos a favor do nome Egéria. Uma delas é um catálogo do séc. XIII da biblioteca de Saint Martial em Limoges, França, que apresenta como título de uma obra *Itinerarium Egeriae*. Devemos reconhecer também o nome *Egeria* no nome *Ingerarium Geriae*, presente num índice do mosteiro San Salvador de Celanova, datado por volta de 935. Em 1923, conforme nos relata o editor norte-americano da *Peregrinatio*, George E. Gingras, J. F. Mountford descobriu um glossário compilado por volta de 750, por Ansilebus, cujos principais manuscritos contêm uma entrada obviamente derivada do capítulo XV da *Peregrinatio*. Nessa entrada, de acordo com os diferentes manuscritos, há um comentário marginal indicando a sua fonte, em que se apresentam três formas ligeiramente diferentes do nome da autora: *Egerie*, *Egeria* e *Egene*. Assim, Mountford concluiu que a possibilidade do nome da autora ser *Egeria* é fortalecida por esse testemunho. Somam-se às evidências o fato de que Egéria é a forma mais frequente nos manuscritos de Valério.

Mesmo que ainda persistam algumas dúvidas em relação ao local de onde a peregrina era originária e à sua condição social, isto é, se a peregrina era uma freira ou uma alta dama da sociedade⁶, parece que há um consenso quanto ao seu nome e à datação de sua peregrinação. Seja como

⁶ Essa discussão é objeto de um estudo detalhado na nossa edição crítica.

for, desde a sua descoberta pelo filólogo italiano Gamurrini, em 1884, no mosteiro de Monte Cassino, na Itália, a obra tem sido muito estudada, pois é uma das fontes para o entendimento das transformações do latim, que, lentamente, através de séculos, deram origem às línguas românicas. Além disso, por descrever com detalhes os lugares por onde Jesus Cristo passou, bem como as principais personagens e episódios do Antigo Testamento, e de documentar alguns ofícios religiosos realizados naquela época em Jerusalém, também é um documento histórico, religioso e litúrgico.

Neste artigo, mostraremos em que contexto eram usados os termos *frater, soror, christianus, sanctus, fideles, cathecumini, neophyti, episcopus, diaconus, presbyter, clericus* etc, relacionando-os à etimologia de cada um desses termos. Deixaremos de tratar outros aspectos lexicais que estão presentes no ato litúrgico, tais como os verbos utilizados para o desenvolvimento da liturgia, ou a terminologia da pregação, da prece e do ofício. Todo esse estudo é parte integrante da nossa edição crítica, na forma de notas histórico-literárias, nas quais também estão contidas outras informações léxico-filológicas.

2. A liturgia

O termo “liturgia”, do grego *λειτουργία*, designava uma função pública, particularmente em Atenas, onde consistia em organizar os coros e equipar as galerias, além de outras funções, cujo titular financiava as despesas. Na Septuaginta e no Novo Testamento, “liturgia” designa o serviço do templo, o serviço de Deus, a devoção a seu serviço. Em Santo Agostinho (354-430), *Salm.* 135.3, encontra-se a seguinte definição: *ministerium liturgia uel seruitium religionis, quae Graece liturgia uel latraria dicitur*.

Na *Peregrinação de Egéria*, a liturgia de Jerusalém é descrita na segunda parte da obra, dos capítulos 24 a 49. Na primeira parte, dos capítulos 1 a 23, são narradas quatro viagens ou peregrinações de Egéria aos lugares da História Sagrada. A segunda parte inicia-se com a descrição dos Ofícios feriais da semana, e, em seguida, dos ofícios dominicais (caps. 24-25). As festas litúrgicas recebem destaque especial, pois são relatadas do capítulo 25, parágrafo 6, ao capítulo 44. Entre elas, a festa da Epifania, em grego *Επιφάνεια* “aparição” ou “manifestação”, é uma das mais importantes, conforme nos relata a autora, porque durava oito dias e celebrava também o nascimento de Cristo. Muitos padres da Igreja dão

testemunho da Epifania, no entanto, como cerimônias variadas. As ‘primeiras epifanias’ celebravam o Natal, como testemunha Rufino (Padre de Aquileia, morto em 470), *Greg. Epiph.* 3, p. 88.17: (..) *sollemnitas Epiphaniae, id est, nativitatis Christi*; as ‘segundas’ celebravam a manifestação do Senhor aos Reis Magos e ao batismo de Cristo (cf. Pseudo-Agostinho – V séc. – (*Serm.* 137,1: ... *apparitionem uel ostensionem dicimus, id Graeci epiphaniam uocant*) e São Jerônimo (*Ez.*1.3; *Ep.*119,1: *quidam ... diem Epiphaniarum baptismi, alii transformationis in monte ... esse opinantur*).

Depois da Epifania, seguem-se a Apresentação de Jesus ao Templo, a Quaresma, a Semana Santa, a Vigília Pascal, a Semana da Páscoa, o Tempo Pascal, chamado Quinquagésima, a Ascensão e o Pentecostes (caps. 25-44). A autora descreve ainda os principais ritos de iniciação cristã, com destaque especial à catequese (caps. 45-48), mas antes é descrito o batismo (cap.45), para o qual o interessado deveria inscrever-se durante a vigília da Quaresma (cap. 45, 1). Quanto a essa particularidade, o *Dicionário de Arqueologia e de Liturgia* (Paris, 1924, tomo 2) nos ensina que o século IV é um período de afirmação e de mudança na história da Igreja. A conversão das massas levou a uma ordenação mais rigorosa do catecumenato, decidindo-se reservar o ensino completo da catequese àqueles que tivessem dado o nome para o batismo.

A obra termina com a descrição da consagração das igrejas (caps. 48-49).

3. Análise dos dados

3.1. A duração da Páscoa e a Semana Santa

Para dar uma ideia da descrição da liturgia anual, destacamos o seguinte trecho que fala sobre a duração da Páscoa, de oito semanas. Aliás, o testemunho de Egéria em relação à duração da Páscoa é único, quer para o local, quer para a época (capítulos 27,1 e 31,2):

(1)

27, 1: *Item dies paschales cum uenerint, celebrantur sic. Nam sicut apud nos quadragesimae ante pascha adtenduntur⁷, ita hic octo septimanas atten-*

⁷ Embora não seja o objetivo deste artigo mostrar as particularidades morfológicas, sintáticas, ou de qualquer aspecto de natureza gramatical da *Peregrinatio*, gostaríamos de chamar atenção para as

duntur ante pascha.

Do mesmo modo, quando chegam os dias pascais, celebram-se assim: como entre nós, de fato, se observam quarenta dias antes da Páscoa, assim aqui se observam oito semanas antes da Páscoa.

A Semana Santa compõe-se de uma série de atividades e encontros, difíceis de serem resumidos no âmbito deste artigo. Abre-se com a Procissão de Ramos, partindo do Monte das Oliveiras. O povo entra na cidade, diante do bispo, aclamando “Bendito seja o que vem em nome do Senhor” (25,6): “Benedictus, qui uenit in nomine Domini” (Cf. *Math.* 21,9), e levando ramos nas mãos:

(2)

31,2: *Et iam cum coeperit esse hora undecima, legitur ille locus de euangelio, ubi infantes cum ramis uel palmis occurrerunt Domino dicentes: “Benedictus, qui uenit in nomine Domini.” Et statim leuat se episcopus et omnis populus, porro inde de summo monte Oliueti totum pedibus itur. Nam totus populus ante ipsum cum ymnis uel antiphonis respondentes semper: “Benedictus, qui uenit in nomine Domini”.*

E já quando começa a ser *décima* primeira hora⁸, lê-se aquele passo do Evangelho onde as *crianças* com ramos e palmas acorreram ao encontro do Senhor, dizendo: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor.” E, imediatamente, levantam-se o bispo e todo o *povo*, depois vai-se dali do cimo do monte das Oliveiras, tudo a pé. De fato, todo o *povo* vai à frente dele, com hinos e antifonas, respondendo sempre: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor”.

O exemplo 2 é útil, igualmente, para uma análise do emprego da palavra *populus*. Além disso, esse exemplo mostra a palavra *infantes* (“os que não falam”; “crianças”), na sua aceção usual de “criança”, contrastando com um outro uso da palavra em que é empregada para designar o recém-batizado.

formas verbais *adattenduntur* e *attenduntur*, que assim aparecem grafadas, mostrando as duas possibilidades que já existiam no latim clássico. Na segunda, houve a assimilação do *d* pelo *t*. A diferença de grafia observa-se realmente no manuscrito, conforme foi constatado por nós.

⁸ Mais ou menos 5 horas da tarde.

3.2. Infantes – Neofiti

Neophytus, do grego νεόφυτος, significa “recentemente plantado”, e também é usado neste sentido em latim: *neophytam oliuam ... id est nuper plantatam* (Santo Hilário – c. 315-367.) No cristianismo, passou a significar “o novo convertido”, desde Tertuliano, que viveu no início do séc. III. Assim, seguindo essa acepção, os novos batizados se chamam *neofiti* na *Peregrinatio*: *tantum neofiti et fideles, qui uolunt audire misteria, in Anastase intrant* (47,2) “somente os neófitos e os fiéis que querem ouvir os mistérios entram na Anástase”.

Porém, em 39,3, assim como em 38,1, encontramos *infantes* com o sentido de *neofiti*:

(3)

38,1: *Vigiliae autem paschales sic fiunt, quemadmodum ad nos; hoc solum hic amplius fit, quod infantes, cum baptidiati fuerint et uestiti, quemadmodum exient⁹ de fonte, simul cum episcopo primum ad Anastase ducuntur.*

Porém, as vigílias pascais fazem-se tal como entre nós; apenas uma coisa se faz a mais aqui, é que os *neófitos*, depois que foram batizados e vestidos, à medida que saem da fonte, são conduzidos juntamente com o bispo à Anástase.

O termo *infans*, como se vê, designa os novos batizados no trecho 38,1 (e também em 39,3), independentemente da idade que apresentem. Nas ocorrências restantes, *infans* mantém o seu sentido habitual “criança” (cf. 31,2; 31,3 e 36, 2). Santo Agostinho recorria a este vocábulo nos sermões da Semana da Páscoa e explica o sentido da palavra, por exemplo, no sermão 228, I: *qui paulo ante uocabantur competentes, modo uocantur infantes ... Infantes dicuntur, quia modo nati sunt Christo (...)* “Os que pouco antes eram chamados competentes, recentemente se chamam infantes ... porque neste instante nasceram para Cristo”.

⁹ Nessa frase, há uma particularidade morfológica a ser comentada: na conjugação do presente do indicativo, há frequentemente a troca do sufixo *-unt* por *-ent*, por isso temos aqui *exient* e não *exeunt*. Outros exemplos ocorrem na *Peregrinatio*: *uadent, dicent, ascendent, descendent, ponent, tendent, tollent, absoluent, accipient, custodent*. Löfstedt (1911, 1ª ed., *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetherae*) e Väänänen (1987, *Le journal-épître d'Égérie*) fazem um estudo exaustivo dos aspectos linguísticos da *Peregrinatio*.

3.3. Populus

Na *Peregrinação de Egéria*, pelo menos na parte que nos resta, há cinquenta e cinco vezes a palavra *populus*. Especificamente, *populus* se refere à comunidade cristã de Jerusalém; apenas uma vez surge como indicativo do povo judeu em 3,7:

(4)

3,7: *Nam ostenderunt nobis speluncam illam, ubi fuit sanctus Moyses, cum iterato ascendisset in montem Dei, ut acciperet denuo tabulas, posteaquam priores illas fregerat peccante populo (...)* (Cf. Êxodo, 34)

Com efeito, mostraram a nós aquela gruta onde esteve o santo Moisés quando pela segunda vez subira à montanha de Deus, para receber novamente as tábuas, depois que quebrara as primeiras por causa do povo pecador (...)

Nos exemplos abaixo, entretanto, *populus* é o povo cristão:

(5)

35,1 (...) *Octava autem hora iuxta consuetudinem ad Martyrium colliget se omnis populus (...). Itaque ergo collecto omni populo aguntur quae agenda sunt*

Na oitava hora (duas horas da tarde), conforme o costume, todo o povo se reúne no *Martyrium* (...). E assim, pois, com todo o povo reunido, são feitas todas as coisas que se devem fazer”.

(6)

36,3: (...) *item legitur ille locus de Euangelio ubi comprehensus est Dominus. Qui locus ad quod lectus fuerit, tantus rugitus et mugitus totius populi est cum fletu, ut forsitan porro ad ciuitatem gemitus populi omnis auditus sit.*

(...) igualmente lê-se o passo do Evangelho onde o Senhor foi preso. E para esse passo que se foi lido, há tanto gritos e gemidos de todo povo, quando em pranto, que talvez sejam ouvidos adiante, até na cidade.

(7)

43,3: *iam ut dimittatur populus mittit uocem archidiaconus et dicit: “hodie statim post sexta omnes in Eleona parati simus <in> Inbomon”*

e no momento em que dispensa o povo, o arqui-diácono eleva a voz e diz: “hoje, imediatamente após a sexta (sc. “hora”) (= meio-dia), estamos todos preparados em Eleona, em Imbomon”.

Nas ocorrências (5), (6) e (7), *populus* compreende os fiéis, mas não os catecúmenos, como se vê no trecho abaixo:

(8)

25,2: (...) *aperiuntur omnia hostia*¹⁰ *de basilica Anastasis, intrat omnis populus, fidelis tamen, nam cathecumini non.*

(...) abrem-se todas as portas da basílica da Anástase, entra todo o povo, enfim, os fiéis, na verdade *os catecúmenos não*.

Em grego *κατηχούμενος*, em latim *catēchūmenus*, é o que se instrui na religião. Na Igreja primitiva, catecúmeno é aquele que se instrui nas doutrinas do cristianismo antes de ser batizado.

3.4. Fideles – cathecumini

O fechamento de diversos ofícios religiosos faz-se pela dupla bênção: primeiro os catecúmenos, em seguida os fiéis:

(9)

24,2: (*sc. Episcopus*) *sic benedicet cathecuminos. Item dicet orationem et benedicet fideles.*

O bispo assim benze os catecúmenos. Igualmente diz uma oração e benze fiéis.

Essa prática aparece em 24,6; 24,7; 32,2; 33,2; 34,1; 35,2 etc.

Quando é celebrada a eucaristia, os catecúmenos são afastados, conforme vimos no exemplo (8). Igualmente, na catequese os catecúmenos não participam:

¹⁰ *Hostia*, tal como está escrito, parece ser a palavra latina que se traduz como “vítima” ou “sacrifício”. Trata-se aqui do plural de *ostium* “entrada” ou “porta”, escrito com “h”, num sinal de hipercorreção da autora.

(10)

47,2 *Illa enim hora **catecuminus** nullus accedet ad Anastase; tantum neofiti et fideles, qui uolunt audire misteria, in Anastase intrant.*

Naquela hora, de fato, nenhum *catecúmeno* dirige-se à Anástase. Tão somente os neófitos e os fiéis, que querem ouvir os mistérios, entram na Anástase.

O contexto do trecho acima é a catequese depois do batismo. Nesta cerimônia nenhum catecúmeno entra na Anástase.

3.5. **Populus versus Episcopus**

“Povo” (*populus*) distingue-se de “bispo” (*episcopus*) em:

(11)

24,7: *Et postmodum de Anastasim usque ad Crucem <cum>¹¹ ymnis ducitur **episcopus**, simul et omnis **populus** uadet.*

E depois o *bispo* é conduzido da Anástase até a Cruz (Calvário) com hinos; em conjunto também todo o *povo* vai (o acompanha).

(12)

24, 11: *Lecto ergo euangelio exit **episcopus** et ducitur cum ymnis ad Crucem, et omnis **populus** cum illo;*

Lido, pois, o Evangelho, o *bispo* sai e é conduzido com hinos à Cruz, e todo o *povo* <vai> com ele.

Também há exemplos semelhantes em 25,3; 31,2; 36,1; 36,5; 40,1.

O povo difere, igualmente, dos monges e dos ascetas (ou monges ascetas) – *ascitis* (ἀσκητής) – chamados também de *aputactitae* (ἀποτακτιται), *monazontes* (μοναζοντες) e *parthenae* (παρθένοι):

¹¹ Devemos a Geyer (1890) a interpolação da preposição *cum*, a qual foi adotada por todos os outros editores. No manuscrito, lê-se apenas *ymnis*.

3.6. Monachus – ascitis – presbyter

(13)

- 3,4 *Qui sanctus monachus uir ascitis necesse habuit post tot annos, quibus sedebat in heremum, mouere se et descendere ad civitatem Carneas (...)*

E esse santo monge, homem asceta, teve necessidade, depois de tantos anos que morava no deserto, de se mover e descer até a cidade de Cárneas (...)

Na descrição de Egéria, os monges habitam isoladamente em uma célula no *monasterium*, nos arredores de uma igreja ou de um santuário, conforme os capítulos 3,4; 4,6; 7,7; 10,9.

(14)

- 3,4 (...) *ecce et occurrit presbyter ueniens de monasterio suo, qui ipsi ecclesie deputabatur, senex integer et monachus a prima vita et, ut hic dicunt ascitis (...)*

(...) eis que correu a nosso encontro, vindo de seu mosteiro, o presbítero que era atribuído a essa igreja, velho íntegro, monge desde a juventude e, como aqui dizem, asceta (...)

Observe-se que ser “presbítero” não exclui também ser “monge” e “asceta”, ainda que o presbítero seja o chefe de uma comunidade cristã, mas também desempenhe as funções que hoje diríamos que são do Padre da Igreja.

(15)

- 40,1: *Et cum ceperit hora esse, iam omnis populus et omnes apotactite¹² deducunt episcopum cum ymnis usque ad Anastase.*

E quando começa a ser hora, imediatamente todo o povo e todos apotactitas¹³ escoltam o bispo com hinos até a Anástase.

¹² No manuscrito está escrito *apotactite* ao invés de *apotactitae*, demonstrando que o ditongo *-ae* se reduziu à vogal *e*. O mesmo acontece em *ecclesie* por *ecclesiae*.

¹³ Os apotactitas são os ‘renunciadores’ pela etimologia grega. Jejuavam frequentemente uma vez por semana, e comiam só uma refeição por dia.

(16)

24,1 *Nam singulis diebus ante pullorum cantum aperiuntur omnia hostia¹⁴ Anastasis¹⁵ et descendent omnes monazontes et parthene, ut hic dicunt, et non solum hii, sed et laici praeter, viri aut mulieres, qui tamen uolunt maturius uigilare.*

De fato, em cada um dos dias, antes do canto dos galos abrem-se todas as entradas da Anástase e descem todos os *monazontes* e *partenas*, como aqui dizem, não só esses, mas também, além disso, homens e mulheres, que contudo desejam fazer vigília mais cedo.

Monazontes é um empréstimo do grego (*Μοναζοντες*), assim como *parthene* (*παρθένος*) e *monachus* (*μοναχός*). Além desta ocorrência, em 24,1, ocorre também em 24,12; 25,2; 25,6; 25,7 referindo-se aos monges de Jerusalém. Em 25, 12 refere-se aos monges de Belém e em 49, 1 aos da Mesopotâmia, Síria, Egito e Tebaida. Não se vê diferença entre *monazontes* e *monachi*, embora aquele se empregue apenas na segunda parte da obra. Essas duas palavras se empregam não só para designar aqueles que vivem na solidão, mas também àqueles que abraçaram uma vida em comum. Há uma diferença, entretanto, entre os *monazontes*, podem se referir aos dois sexos, e *parthene* que se empregam somente ao sexo feminino.

Voltando à palavra *populus*, cuja frequência é de cinquenta e quatro vezes, vê-se que não apresenta diferença de acepção semântica em relação à *plebs*, que aparece apenas três vezes no texto, tal como na ocorrência abaixo:

(17)

39,3: *Ipsis autem octo diebus paschalibus cotidie post prandium episcopus cum omni clero et omnibus infantibus, id est qui baptidiati fuerint, et omnibus, qui aputactitae sunt uiri ac feminae, nec non etiam et de plebe quanti uolunt, in Eleona ascendent.*

Nesses mesmos oito dias pascais, diariamente, após o almoço, o bispo,

¹⁴ *Hostia*, nesta ocorrência, tal como está escrito, parece ser a palavra latina que se traduz como “vítima” ou “sacrifício”. Trata-se aqui do plural de *ostium* “entrada” ou “porta”, escrito com “h”, num sinal de hipercorreção da autora (ou do copista). É interessante que os diversos editores filólogos não corrigiram esta palavra no texto.

¹⁵ Do gr. *ἀνάστασις* ‘ressurreição’; Igreja da Ressurreição ou Santo Sepulcro, construída por Constantino.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

com todo o clero e com todos os neófitos, isto é, os que foram batizados, e todos os outros que são apotactitas, homens e mulheres, também quantos do povo querem, sobem ao Eleona.

Christianus também coincide com *populus*. É empregado a todos que possuem a fé cristã (17,2) e se opõe aos pagãos (*gentes*) (20,8):

(18)

17,2: *Nam mihi credat volo affectio vestra, quoniam nullus **Christianorum** est, qui non se tendat illuc gratia orationis, quicumque tamen usque ad loca sancta, id est in Ierusalimis, accesserit (...)*

Efetivamente, quero que me creia, Vossa Caridade, que não há nenhum dentre os cristãos que não almeje ir para lá para orar, pelo menos todo aquele que tenha se dirigido até os lugares santos, isto é, a Jerusalém (...)

(19)

20,8: *In ipsa autem civitatem extra paucos clericos et sanctos monachos, si qui tamen in civitate commorantur, penitus nullum Christianum inveni, sed totum **gentes** sunt.*

Todavia, nessa cidade (*sc.* a cidade de Carra, onde Etéria foi visitar as memórias de Abraão) exceto os poucos clérigos e santos monges, se é que porventura alguns moram na cidade, não encontrei quase nenhum cristão, mas tudo são *gentios*.

Vemos, no exemplo abaixo, que *fratres* e *sorores* coincidem com *Christiani* que, por sua vez, coincidem com *populi*:

(20)

47,4 *Lectiones etiam, quaecumque¹⁶ in ecclesia leguntur, quia necesse est grece legi, semper stat, qui siriste interpretatur **propter populum**, ut semper discant. Sane quicumque hic latini sunt, id est qui nec siriste nec grece nouerunt, ne contristentur, et ipsis exponitur eis, quia sunt alii **fratres et sorores** grecolatini, qui latine exponunt eis.*

Também as leituras, não importa quais sejam, são lidas na Igreja. Já que é necessário que sejam lidas em grego, sempre há alguém que <as> traduz para o siríaco¹⁷, por causa do povo, para que entendam sempre. Certa-

¹⁶ Observa-se aqui a perda do ditongo: *quaecumque* ao invés de *quaecumque*.

¹⁷ O siríaco é um dialeto do aramaico médio falado historicamente em grande parte do Crescente

mente todos aqueles que aqui são latinos, isto é, que não conhecem nem o siríaco nem o grego, para que não se entristeçam, também a eles próprios expõem-se <as leituras>, porque há outros *irmãos e irmãs* greco-latinos que expõem a eles em latim.

Segundo Bastiaenense, autor do livro mais importante sobre o vocabulário litúrgico dessa obra, no século III, o uso variava entre *populus* e *plebs* para designar a cristandade. O autor afirma que *populus* era o termo mais usado na África para designar a Igreja no seu conjunto, e *plebs* a comunidade particular. Em Roma, ao contrário, a comunidade particular era designada de preferência por *populus*. No caso de Egéria, ela se refere, usando esse termo, sempre à comunidade de Jerusalém.

Podemos resumir o que até aqui foi exposto: no relato de Egéria, o termo *populus* é empregado para designar o povo cristão; porém, outros termos também são usados para se referir ao povo cristão: *christiani, fratres, sorores, plebs, fideles*. Há também cargos e funções de pessoas da Igreja que não fazem parte do povo, como os catecúmenos, os monges, os presbíteros, os ascetas.

Observamos, no exemplo abaixo, que os irmãos (no texto *fratribus*) são os monges (*monachis*):

(21)

10,3: *Proficiscens ergo Ierusalima faciens iter cum sanctis, id est presbytero et diaconibus de Ierusalima et fratribus aliquantis, id est monachis, peruenimus ergo usque ad eum locum Iordanis, ubi filii Israhel transierant, quando eos sanctus Iesus, filius Naue, Iordanem traiecerat, sicut scriptum est in libro Iesu Naue.*

Fértil, região que compreende os atuais Israel, Cisjordânia e Líbano bem como partes da Jordânia, da Síria, do Iraque, do Egito, do sudeste da Turquia e sudoeste do Irã. Surgido por volta do século I d.C., o siríaco clássico se tornou um dos principais idiomas literários em todo o Oriente Médio, do século IV ao VIII, e foi a língua clássica de Edessa, conservada num grande *corpus* de literatura siríaca. Tornou-se o principal veículo da cultura e do cristianismo ortodoxo oriental, espalhando-se por toda a Ásia, chegando até Malabar e a China oriental. Foi um importante meio de comunicação e disseminação cultural entre os árabes e, em menor escala, os persas. Primordialmente um meio de expressão cristão, o siríaco teve uma influência cultural e literária fundamental no desenvolvimento do árabe, que o substituiu na região no fim do século VIII. O siríaco continua a ser a língua litúrgica do cristianismo siríaco. Escrito no alfabeto siríaco, derivado do alfabeto aramaico, o siríaco pertence ao ramo ocidental da família linguística semita (Beyer, Klaus; John F. Healey (trad. para o inglês). *The Aramaic Language: its distribution and subdivisions*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1986).

Partindo, portanto, de Jerusalém, fazendo o caminho *com os santos*, isto é, *com um presbítero* e diáconos de Jerusalém e muitos *irmãos*, isto é, *monges*, chegamos pois até aquele lugar do Jordão onde os filhos de Israel atravessaram quando o santo Josué, filho de Nave, os fez passar o Jordão, assim como está escrito no livro de Josué de Nave.

A palavra *diaconus* vem do grego *διάκονος* e significa ‘assistente’, ‘alguém que serve à mesa’ (Jo. 2,5,9). Os cristãos escolhidos pelos apóstolos para servir os pobres da Igreja de Jerusalém (At 6,1-7) foram chamados “diáconos”. Logo após, esses diáconos começaram a se dedicar à pregação do evangelho, sendo auxiliares dos bispos junto às jovens comunidades cristãs. Do ponto de vista morfológico, Egéria alterna a declinação dessa palavra entre a segunda e a terceira declinação. Na passagem 24,1 e em 10,3 a palavra segue a flexão da terceira declinação. Ao contrário, nas passagens 24,6 *Et at ubi diaconus perdidit omnia quae dicere habeat* e 24,5 *Et diacono dicente (...)* a flexão pertence à segunda declinação.

É digno de menção, no trecho 10,3, o emprego da palavra *sanctis*, pois se refere ao presbítero e diáconos (*presbytero et diaconibus*). De fato, na *Peregrinatio* a palavra *sanctus* adquire um sentido mais restrito em comparação ao seu uso inicial, no qual *sancti* eram os fiéis servidores de Deus, os cristãos, porque pelo batismo foram consagrados a Cristo (*Rm* 1,7; 1 Cor 1,2) para viver uma vida nova (*Rm* 6,3-14). Ilustremos essa acepção com mais um exemplo:

(22)

7.2: *In eo ergo itinere sancti, qui nobiscum erant, hoc est clerici vel monachi, ostendebant nobis singula loca, quae semper ego iuxta scripturas requirebam.*

Nesse percurso, pois, os *santos* que estavam conosco, isto é, *clérigos* ou *monges*, mostravam a nós cada um dos lugares que eu sempre requeria, conforme as escrituras.

Na *Peregrinatio*, a hierarquia da Igreja é a seguinte: *episcopi, presbyteri, clerici – archidiaconi, diaconi (subdiaconi), ascites – confessores, monachi – monazotes*. Os *fratres* pertenciam ou não ao clero; os *apudicitiae* podiam ser homens – pertencentes ou não ao clero – ou mulheres; havia ainda os *hebdomadarii*, as *sorores* – monjas ou leigas – e todos os outros *laici*.

3.7. Considerações finais

Nosso objetivo, neste artigo, foi mencionar as especificidades em relação ao vocabulário utilizado para designar o povo cristão e as funções das pessoas que faziam parte da Igreja, na obra “Peregrinação de Etéria” ou “Itinerário de Egéria”. Deixamos de nos referir a muitos outros vocábulos que dizem respeito à terminologia litúrgica, como a terminologia utilizada na prece, no ofício litúrgico, na catequese etc. Informações a esse respeito fazem parte das notas de crítica histórico-literárias, presentes na edição crítica da obra.

Convém que se diga que as funções da Igreja e a designação dos seus membros não estavam totalmente estabelecidas no século IV, período em que foi escrita essa narrativa de viagem. Esperamos, todavia, que dentro das limitações deste trabalho, tenhamos conseguido dar uma ideia das palavras mais usadas no cotidiano da liturgia, em relação ao povo cristão e aos membros do clero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, A. *Itinerario de la virgen Egeria (381-384)*. Madrid: 1980 (*Biblioteca de Autores Cristianos*, 416)

BASTIAENSEN, C. M. *Observations sur le vocabulaire liturgique dans l'itinéraire D'Égérie*. Utrecht: Dekker & Van de Vegt. N. V. Nijmegen, 1962. (*Latinitas Christianorum Primaeva*, 17)

Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. 8ª impr. São Paulo: Paulus, 2012.

WEBER-GRYSON. *Bíblia Sacra Vulgata*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008.

BLAISE, Albert. *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Turnhout: Brepols, 1954.

CODEX Arretinus 405.

GINGRAS, George E. *Egeria: diary of a pilgrimage*. Mahwah (New Jersey): The Newman Press, 1970. (*Ancient Christian Writers*, 38)

HAVET, Louis. *Règles pour éditions critiques*. Paris, s.d.

LÖFSTEDT, Einar. *Commento filologico alla “Peregrinatio Aetherae”*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Bolonha: Pàtron, 2007. (Tradução italiana do original em alemão, de 1962)

MARAVALL, Pierre. *Égérie, Journal de voyage*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2002. (*Sources Chrétiennes*, 296)

PÉTRÉ, H. *Éthérie, Journal de Voyage*. Paris: 1948 (*Sources Chrétiennes*, 21)

PRINZ, O. *Itinerarium Egeriae (Peregrinatio Aetheriae)*. Heidelberg: 1960.